

Análise do §607c-d da *República*

FABÍOLA MENEZES DE ARAÚJO *

RESUMO Platão expulsa a poesia da *polis* ideal? O verbo de que o filósofo se utiliza não deixa dúvidas: trata-se da expressão *apostelemon ek*, onde *ek* desempenha a função de advérbio de lugar — para fora. “*Ek tes poleus apostelomen*” pode significar “banir para fora da cidade”. Através de Sócrates, acreditamos que Platão expulsa sim a poesia da sonhada cidade. Diz esta personagem então: “Deve ser rememorado (*anamnesteisin*) que a poesia deve ser expulsa da *polis*: pelo *lógos*.” (§607a) Na frase seguinte à famosa expulsão, no entanto, Sócrates reconsidera. Diz que se acaso os amantes da poesia puderem defendê-la, em sendo esta defesa “sagrada (*osion, ὄσιον*) e verdadeira” (*alethes, ἀληθές*) a poesia poderá ser acolhida (*katadekomaî*) em *Kallipolis*. Sob esta ótica, ao que parece, se acaso desejarmos realizar a defesa da poesia, teremos que ascender ao plano do sagrado e do verdadeiro. Precisamente no §607c, Sócrates impõe um terceiro critério ao qual a poesia precisa atender para que possa ser admitida: ser proveitosa (*hofelime*) para a *polis*. À frase em que Sócrates condena a poesia à expulsão, talvez uma das mais comentadas da História, conquanto, não pretendemos nos ater aqui. De modo diferente do que fez a maioria dos comentadores, buscaremos aqui no ater à sentença seguinte, qual seja, em que é dito que a poesia poderá permanecer. Que poesia é esta? Para refletir sobre esta questão, traremos a seguir: I. A definição do termo *poético* e seus derivados *poeta* e *poieu*, e isto para tentar ampliar o sentido que o termo *poieu* desempenha no *corpus* platônico; II. o §607c-d, e III. um breve levantamento bibliográfico sobre o que foi dito até hoje sobre a sentença em questão.

PALAVRAS-CHAVE *Kallipolis*; poesia; defesa; *República*, *Timeu*.

* Pós-doutoranda na Escola de Comunicação da UFRJ
Doutoranda em Filosofia pela Puc-Rio
Apoio CNPQ

INTRODUÇÃO

No §607b da *República* Platão teria chegado ao cume de uma querela antiga (*diafora palaias*). Curiosamente, não obstante antiga, seria na obra do filósofo que a filosofia e a poesia teriam ficado, pela primeira vez, uma perante a outra¹ (*enantioseos*). Tão antiga quanto a História do Ser, a crítica à poesia talvez se dê pelo menos desde o ‘descobrimento do Espírito’, conforme expressão de Snell (1975) utilizada no livro homônimo. Será que a crítica à poesia nasce com o/do desvelamento do Ser ele mesmo? O que faz com que ambas, filosofia e poesia, cheguem a ficar uma perante a outra, e, nesta perspectiva, diversas? Há quem insista que Platão teria sido o primeiro a desejar a separação entre filosofia e poesia. *Primeiro* simplesmente porque antes de Sócrates o termo filosofia não existia, e logo, tampouco a oposição entre filosofia e poesia. Além disto, apenas neste filósofo o desejo de diferenciar filosofia e poesia pôde vir à tona na forma de um ato — o da expulsão da poesia no §607b da *República*. Para alguns, teria sido deste ato que teria surgido a própria filosofia, como veremos na parte II do desenvolvimento deste artigo. As causas que teriam levado Sócrates a expulsar a poesia no §607b podem ser múltiplas² mas os resultados terão sido múltiplos? A poesia voltará para o discurso filosófico após ter sido expulsa?

1 (ἐναντιώσεως), *República*, §607c. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0167%3Abook%3D10%3Asection%3D607c>>. Acesso em 25/11/2018. WOST, 2010, p. 130. Antes de cuidar da questão apontada por Wost, de não poder ter existido a querela entre a filosofia e a poesia enquanto não havia a filosofia, seria necessário que cuidássemos da questão acerca de que se o termo — filosofia — é anterior a Platão ou não. Alguns apontam ter sido a palavra filosofia inventada por Pitágoras, outros apontam Sócrates como inventor, e isto não por qualquer desejo de autoridade, mas talvez porque os outros o instituíssem como o filósofo, muitas vezes de forma depreciativa. Pois bem, caso a palavra tenha sido inventada por Pitágoras, ou por outro destes expoentes máximos do pensamento mais antigo, é provável que a querela que envolve a mútua exclusão entre a filosofia e a poesia tenha sido iniciada antes de Sócrates, o que levaria a tese de Wost, acerca da querela ter sido iniciada tão somente com Platão a cair em descrédito. Wost também aventa a possibilidade de ter sido Platão, na figura de Sócrates, o único filósofo a ter formalizado a expulsão da poesia, possibilidade esta que embora de sumo interesse, para ser comprovada, levaria-nos a uma pesquisa que por hora não desejamos levar a cabo.

2 Tratar-se-ia, por exemplo, da necessidade de fundar uma cidade mais bela, justa e boa, e isto para todos. É interessante pontuar que, para a psicanálise, por exemplo, um corte, como o efetuado sob a forma da expulsão da poesia fala antes de uma necessidade de auto-afirmação. Ainda que esta in-

Para Wost (2010), Platão teria sido o filho pródigo de uma tradição que, embora já extensa, não teria sido nomeada até então. Os primeiros pensadores, no desejo de salvaguardar o pensamento, já teriam realizado muitas críticas à linguagem poética. Estas, por sua vez, teriam sido herdadas por Sócrates. A questão de que se *Kallipolis*, a cidade mais bela antevista na *República*, e a poesia se excluem mutuamente³, ou não, toma o seguinte rumo a partir das colocações do classicista americano: Será que a expulsão da poesia da cidade ideal esconderia uma outra expulsão, ainda maior — a da poesia do pensamento como um todo? Em outras palavras: Será que para que o pensamento possa ser, a poesia deve calar-se?

Motivação primeira de acalorados debates ao longo da história, possível pedra de toque do surgimento da metafísica, a polêmica em torno da expulsão da poesia no §607b foi a que primeiro nos levou a esta escrita; mas foi possibilidade de anunciar o retorno da poesia que nos fez continuar. À questão de que se a poesia teria sido expulsa, ou não, pelo divino filósofo, retornamos agora a fim de saber quais as razões pelas quais ele o teria feito. O curioso é que, até hoje, ao que parece, ninguém teria suposto que Platão teria expulso a poesia da cidade ideal somente para que, e tão somente para que nós ficássemos pensando sobre os porquês dele tê-lo feito⁴.

Há indícios de que Platão teria apreciado esta disponibilidade gratuita ao pensamento: Se, por um lado, seus escritos prezam pela verdade enquanto reunião de justiça, bondade e beleza (*República*, §520c), por outro lado, Sócrates aparece disposto ao pensar sobretudo em momentos de lazer e, diferentemente dos Sofistas, não cobra por suas lições, aulas, ou mais propriamente exercícios de dialética (TORRANO, 2013,

interpretação pequena por anacronismo, é interessante por ir ao encontro do que Nietzsche irá pontuar acerca da mesma questão (Cf. nota 21).

- 3 Já Wost (2010); Santoro (2012) e Guinsburg (PLATÃO, 2016a, p. 395, nota 48) nos alertam para que Xenófanes, Heráclito e talvez Empédocles nos teriam deixado um legado de crítica, que embora embrionário teria incitado Platão a posicionar-se contrário à poesia. Herdada por Platão, esta crítica viria a se tornar a crítica, por assim dizer, seja literária (BRANDÃO, 2007, 2010) seja simplesmente filosófica.
- 4 Ou haveriam outras razões para o ato de um escritor expulsar aquilo que lhe motiva a existência? O que, afinal, teria levado Sócrates à atrocidade de expulsar talvez o sentido da existência grega como um todo? Ou o sentido da existência, pelo menos de Sócrates e de Platão, teria outras metas, como a política, por exemplo? Se fosse assim, a política, pura e exclusivamente o sentido da existência destes filósofos, o que teria feito o último a escrever tão belamente? Ao que parece, multiplicam-se as questões cujo objetivo principal é fazer com que pensemos nelas.

p. 150-151). Assim, até a crítica sobre o que vem a ser (o) justo, (o) bom e (o) belo surge como uma atividade necessária, exigida pelo pensamento, mas apenas após certa disposição gratuita ao pensar. Defendemos que, sobretudo a crítica à poesia levada a cabo na *República*, para se realizar, conta antes com esta gratuidade do pensamento, e que esta gratuidade implica em uma mudança de carácter ontológico⁵.

Sob esta hipótese, Platão, ontologicamente disposto para o acontecimento gratuito de um pensar que se faz poético, teria podido primar pela beleza em seus escritos, fazendo do poético um estilo indispensável ao vir a ser dos seus próprios diálogos. Pesquisar sobre o carácter poético dos textos platônicos nos levará a defender que o filósofo nunca tenha, de fato, visualizado um vir a ser (*genesis*) *sem* poesia, ou um horizonte onde o acontecimento do poético enquanto sempiternidade ine-terrompível, própria à mais bela das existências, não se lhe anunciasse diariamente⁶. Sobretudo no *Timeu*, vemos as formas serem instituídas *poeticamente*, e não haveria outro modo de fazê-lo: o termo usado para iniciar o mito segundo o qual as formas servem à *cosmogonia* não poderia ser outro — ‘rapsódia’, no caso, de Solon (*Timeu*, 21b) (Cf. NAGY, 2002). Também a favor da hipótese das formas serem instituídas poeticamente temos as orações (εὐχλαῖς) cantos que clamam pela presença atuante dos deuses (*Banque-*

5 Temos em vista que a mudança de carácter ontológico aqui em jogo, talvez possa ser bem resumida no verso “uma rosa é uma rosa é uma rosa” “A rose is a rose is a rose”. (STEIN, 1922/1990).

6 Trata-se de um vir a ser onde o Ser (*ontos*) surge como uma sempiternidade, do latim *sempiternus*: ‘perpétuo, eterno, imortal’, isto é, de duração ou tempo infinitos. Esta noção inclui uma certa forma de atemporalidade, ou seja, um acontecimento que extrapola o tempo, ao menos no seu sentido mais comum deste termo, e isto ao transcendê-lo. Defendemos, junto a Torrano (2013), este vir a ser (a *genesis*) , em Platão, se dar mediante um espaço-tempo homólogo àquele onde as Musas ditavam o vir-a-ser. Para um grego um vir a ser onde as Musas não se lhes anunciasse como uma possibilidade seria difícil de ser pensado. Cito Torrano (2013): “os gregos chamavam de Musas o fundamento transcendente do comportamento que empolga os homens no canto e na dança, e de toda riqueza de sentido própria do canto e da dança.” (p. 8) Defendemos pois que, se isto — viver sem poesia — não teria sido possível para um grego num momento em que as Musas ditavam o vir-a-ser. É esta perspectiva verdadeira sobretudo para o filósofo que traz consigo Ninfas, deusas, deuses e *daimons* (Torrano, 2013, p. 144). Talvez o mais difícil de explicitar em nossa proposta de leitura seja a perspectiva de que estes elementos não surgem na obra platônica como meramente poéticos se acaso tomarmos ‘poético’ no sentido de ‘metafórico’. Estes elementos são poéticos se nos orientarmos por um sentido mais arcaico do verbo ‘*poieo*’ enquanto criar, ou dar forma. As criaturas, ‘poéticas’, da *physis* ou do *cosmos*, viriam a ser postos na escrita do filósofo graças à relação que ele teria podido manter com o âmbito do sagrado. A conclusão mais premente a que chegaremos é que a poesia que não traz consigo elementos sagrados é que deveria terminar por ser expulsa. Esta poesia ‘mentiria’, ou ‘falsearia’ o vir a ser por seu modo de ser nos distanciar do sagrado.

te, 257b, *apud* Benoit, 2017, p. 106; *Fedro*, 265b, *apud* Benoit, 2017, p. 108; 279b, *apud* Benoit, 2017, p. 110). Não apenas o elogio à rapsódia no *Timeu*, e as orações-poéticas intercedem em favor de haver em Platão uma linguagem poética que se faz sagrada: também a presença dos mitos permite sermos alçados ao vislumbre de uma verdade mais plena e que se tece poeticamente. Perguntemos: mas a quase onipresença dos mitos em Platão deve fazer com que nós nos precipitemos, colocando um ponto final nesta história e decidindo pela impossibilidade de o filósofo expulsar a poesia? Não.

Porque houve um momento em que um *daimon* pode tê-lo ouvir o seguinte: que se ele expulsasse uma determinada forma de poesia o que aconteceria? O pensamento. E daí tudo, tudo, sobretudo o silêncio das ninfas e das estrelas permaneceria para sempre cuidado por este pensamento. Terá sido a partir desta constatação que Platão manda não qualquer poesia, mas a poesia que pode impedir o pensamento, para fora da *polis*? É possível. Mas acabou se mostrando mais forte o seguinte eterno retorno: que ninguém iria suportar uma existência sem poesia, de modo que se fez necessário alguém, não um poeta, mas alguém versado em dialética que pudesse sair em defesa da poesia.

Não são poucos os que sairão em defesa da poesia. Aristóteles será um dos primeiros a fazê-lo: sai em defesa da ditosa, defendendo a sua utilidade pública na *Poética*. Mas será que esta poesia *aí* defendida é a mesma que Platão defenderia⁷? A poesia, nas mãos do peripatético, será aquela de um despertar para um lugar de comunhão entre o sagrado e o homem? Conseguirá esta poesia defendida por Aristóteles suportar as três condições impostas por Sócrates, a saber: 1) ser a defesa da poesia sagrada (*ousia*); 2) verdadeira (*aletheia*) (ἀλλὰ γὰρ τὸ δοκοῦν ἀληθὲς οὐχ ὅσιον προδιδόναι, *allagar to dokoun alethes ouk osion prodidonai*, *República*, §607c); 3) e, finalmente, ser (a poesia) útil (*hofelime*, ὠφελίμη) para a cidade (*República*, §607d) ? Não. *Aí*, Inês é morta. Pois a defesa que Aristóteles realizará, das tragédias e das comédias, não pretende ser sagrada. E a poesia sagrada, a comunhão com as formas e também com os deuses, nunca irá mais voltar depois da tanto referida expulsão?

7 As seguintes passagens da obra como um todo fazem menção à poesia enquanto lugar de acontecimento da linguagem: *Górgias*, §465a; *Mênon*, §81b; *Banquete*, §223d; *Fedro*, §245a, §265b e §276a; *Filebo*, §28e; *Teeteto*, §151d, §175e, §176a; *Crátilo*, §391e, §396d, §397b-c, §400c, §411c-§421c, §423b, §428e-429a, §430a, §434e, §439; *Sofista*, §219c, §229a, §234b, §236c, §242d-e, §248, §256d, §266d, §267a, §268a-b, §277e-273e. Defendemos que também os mitos atestam o lugar e o amor que Platão devota à poesia em sua obra. (da reminiscência no *Mênon*; de Eros no *Banquete*; a oração à Eros no *Fedro*; Er na *República* e Atlantis no *Timeu*).

Na pesquisa que realizamos, ao contrário da conclusão a que chegam muitos comentadores, não deixamos de pensar que Platão expulsa uma determinada arte poética de *Kallipolis* no §607b⁸. E na sentença seguinte à expulsão, se o filósofo convida aos que amam a poesia que lhe façam a defesa é porque sabe que, sem poesia, seria impossível para um grego ser. Esta defesa consistirá, pois, em última instância, também em uma defesa da *polis* ideal. Não apenas porque sem poesia não é possível ser, mas porque o Bem pode até ser a quintessência, o divino ápice de toda *República*, causa primeira da virtude “do ser, da ciência e da verdade”⁹, mas, no quesito beleza, nunca poderá fazer frente à poesia: tendo Platão ele mesmo, por isto, chegado à conclusão da necessidade de alicerçar o pensamento que tem lugar no *Timeu* na rapsódia de Solon. Defendemos que a poesia, no sentido conferido pelo filósofo na obra referida não será apenas técnica, mas aquilo por meio do qual a própria escrita de Platão se tece: acontecimento do sagrado. Assim, para uma melhor compreensão do que significa a afirmação de que o “Bem nunca poderá fazer frente a poesia” é preciso que busquemos nos situar antes de mais nada na poesia que Platão vislumbra como oportuna seja enquanto rapsódia de Solon no *Timeu* seja, por exemplo, enquanto palinódia no *Fedro* (TORRANO, 2013, p. 131-135). Também no que concerne à força de que a poesia pode ser causa, por nascer em comum-pertencência à *physis*, enquanto *uranos*, céu e tempo, o Bem nunca poderá fazer-lhe frente.

DESENVOLVIMENTO

I. Os significados

A seguir trazemos alguns dos significados a que somos levados por três dicionários ao tentar entender o significado de *poético*, *poeta* e *poieu*:

8 E Kafka de certa forma parte desta hipótese — de que não a poesia mas as sereias estivessem mudas — para escrever o seu conto “O silêncio das Sereias.” (In: Schulback, 2010)

9 (TORRANO, 2013, p. 99) Aliás, enquanto o Bem é inatingido e talvez inatingível, o *hypodochê* (útero ou abrigo segundo o *Timeu*, §49a) não será atingível? Cito ambas as passagens para efeito de comparação:

República: “Sócrates no livro VI: ‘vós me escutastes dizer frequentemente que a ideia de bem é o objeto da ciência mais alta e que é dela que as outras virtudes recebem sua utilidade e suas vantagens (...) nós não conhecemos exatamente esta ideia e se nós não a conhecemos’.” (*apud. idem*).

Timeu: “Que propriedade temos nós de supor que ele terá de acordo com a natureza? Será sobretudo a seguinte: ser o receptáculo e, por assim dizer, a ama de tudo quanto devém. Falamos agora com verdade.” (PLATÃO, 2011).

poiéticos (ποι-ητικός, ή, όν) (acc. ou modo de ser)

: capaz de fazer, criar, produzir (*apud.* TLG).

: **1** próprio a fabricar, a confeccionar // **2** falando de inteligência : próprio à poesia, poético [ποιητος, *poietos*] (*apud.* BAILLY).

poietos (ποιητος, η, ον) (gen. ou adj.// poeta// pl. *poietikoi*)

: feito filho, adotado (presume-se, das Musas) παῖς π., opp. ἀληθινός, γεννητός (*tais p. opp. aletinos, genontos*) **Pl.**, Lg, 878e. (*apud.* TGL)

: **1** criado, por oposição ao que existe por si mesmo; termo do direito, adotado, criado ou admitido por adoção. **2** para falar de obras manuais, fabricadas, trabalhadas, particularmente feitas com arte, bem trabalhadas [adj do verbo ποῖο (poieo)]. (*apud.* Bailly)

poieo (ποιεω) (verbo/)(etimologicamente nos remete à raiz indo-europeia)

: **k^wei-u-* < ποιφέω < *ποιρός < **k^wei-u-* (μαζεύω, *mazeuo*, reunir; συγκεντρώνω, *sinkentrono*, reunir). Em relação ao cinoti e ao sânscrito: चिनोति^(sa) (cinóti). (*apud.* Beekes)

(destacamos (das dez expressões conferidas ao verbo *poieo* enquanto “fazer”)

: **A 2** criar, trazer à existência (...) Δ ποιῶν (*ho poion*) o criador, **Pl.**, *Timeu*, §76c; (...) descrever em verso θεὸν ἐν ἔπεσιν (*teon en epesin*) **Pl.**, *Rep.* §379a. (*apud.* TGL)

: fazer **I** fabricar; executar; confeccionar: ποιεω δωμα θεων εκαστω (*poieo doma teon ecasto*) **Il.** construir uma casa para cada um dos deuses; τεῖχος (*teicos*), **Il.** construir um muro; falando de obras de arte: εἰδωλον (*eidolon*), **Od.** fabricar uma estátua; sem preparação: ποιεῖν τι εκ τινος (*poiein ti ek tinos*), confeccionar alguma coisa com alguma coisa // (...) **IV** compor um poema: ποιεω θεογονιην Ελλησι (*poieo teogonien Elesi*) **Her.** fazer para os gregos a genealogia dos deuses deles, quer dizer, criar, inventar, compor uma Teogonia; por consequência, compor, em geral: ποιεω ποιηματα (*poieo poemata*) **Pl.** compor poemas; de onde absolutamente compor em verso: ποιεω εις τινα (*poieo eis tina*), **Pl.** compor em verso em honra de alguém; μυθον ποιεω (*miton poieo*) **Pl.** colocar uma fábula em verso; περι θεων λεγειν και ποιεω (*peri teon leguein kai poieo*) **Pl.** falar em prova ou em verso sobre os deuses; em particular: **1** imaginar, inventar, criar: ονοματα (*onomata*) **Arist.** as palavras// **2** supor: ποιω δ' υμας εξαπατηθεντας (*poio d'umas exapatetentas*), **Xen.** eu suponho que você foi enganado// **3** por consequência, tomar como, estimar, julgar: δεινα ποιεω (*deina poieo*). **Her.** pegar mal alguma coisa, ser descontente. (*apud.* Bailly)

Qual o significado de *poético*? Como podemos ver acima servir “à escrita em verso” é apenas um dos significados aos quais o verbo *poieo* e os seus derivados nos levam.

Talvez a partir da tradução da passagem onde a querela da expulsão surge possamos ascender ao significado verdadeiro que este termo desempenha na obra de Platão.

II. Tradução

Sócrates, no §607c¹⁰, sinaliza para a possibilidade de que a poesia talvez fique em *Kallipolis*:

Declararemos (*eiresto*) desde agora que, se a **poesia imitava** e serva do prazer (*hedonen poetike kai he mimesis*¹¹) puder nos persuadir no *logos* (*ekoi logon eipein*), a favor da tese de ser ela indispensável em toda cidade bem constituída (*polei eunomoumene*), com a maior satisfação a receberemos na nossa (*katadekoimeta*), pois temos perfeita consciência do fascínio¹² (*keloumenois*) que ela exerce sobre nós; seria porém procedimento ímpio trair o que temos na conta de verdade (*doukoun alethes ouk osion prodidonai*)¹³ (§607c, tradução Nunes, grifos nossos).

10 Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0167%3Abook%3D10%3Asection%3D607c>>. Acesso em 26/11/2018.

11 “*poetike kai he mimesis*” também pode ser traduzido como poesia e *mimesis*.

Mimesis (μίμησις, εως, (ή) Tgl: 1. qualquer coisa imitada, falsificada, cópia, freq. em **Pl.**, *Timeu*, §48 e outros; 2. representação artística, **Pl.**, *Lg* §669e, 796b (pl). **Bailly**: (e) 1 imitação // 2 representação, imagem, retrato // 3 representação teatral [μίμεομαι] (*mimeomai*).

12 Isto ainda que tradução para o inglês o tradutor coloque que Sócrates teria dito a Glauco o seguinte: “— Você não sente a mágica (da poesia), em especial quando Homero é seu intérprete? Se sim, “não seria justo consentir com o seu retorno, defendendo-a, sobretudo à do metro mélico?” Mélico é o metro das canções de Safo, palavra que vem do grego *méllos*, canção. O tradutor, vê-se, luta também pela poesia, pois já em nota, nos convida à análise do §658d das *Leis* onde Platão teria dito que o velho homem (*sic*, seria o Ateniese?) teria dito preferir Homero e a épica a qualquer outro entretenimento.)

13 Notemos que a frase começa mesmo é com uma série de imagens enigmáticas, de um mundo onde, não musas mas uma cadela vocífera, onde talvez o *nous* (νοῦς), de tão deturpado, já tenha condenado o melhor dos homens, Sócrates, e isto não apenas por força da miséria humana mas provavelmente também de uma força de uma poesia maldosa, contra a qual Platão, ainda que momentaneamente se erige. Most (2010, p. 129) se esforça para revelar o sentido último das imagens, irrompidas talvez em uma “a hora e a vez” de um Platão que possivelmente ainda chorasse a morte do mestre: “cadela rosnando para seu dono”, aquela que grunhe; “grande na eloquência vazia dos tolos”; a “turba dos críticos excessivamente sábios”; e os “pensadores sutis” que são “todos indigentes”; e miríades de outros sinais dessa oposição deles (*kai o “ton diasofon oculos kraton” kai oi “lepos merimnontes”, oti ara penontai, kai alla myria semeia palaias enantioseos touton*) [καὶ ὁ τῶν διασόφων ὄχλος κρατῶν καὶ οἱ λεπτῶς μεριμνῶντες, ὅτι ἄρα πένονται, καὶ ἄλλα μυρία σημεία παλαιᾶς ἐναντιώσεως τούτων] (§607c). As imagens são claras o suficiente? Sócrates teria chamado realmente a poesia de “cadela que grunhe”; “grande na eloquência vazia dos todos” guardada por uma “turba dos sábios indigentes”? A questão deve permanecer em aberto. MOST ainda sugere que estas imagens seriam realmente representação da arte poética de Aristófanes, talvez um

“Se puder nos persuadir”, “de ser ela indispensável em toda cidade bem constituída” “receberemos (a poesia e a *mimesis*) na nossa”. No parágrafo seguinte, 607d¹⁴, o filósofo postula a principal qualidade de que a poesia deve se revestir para permanecer na mais bela cidade: ser prestável (*hofelime*)¹⁵. Cito:

Sim, permitiremos, até que os seus defensores (*prostatais*) (façam-lhe a defesa) — e não há a necessidade de que sejam **poetas** (*me poietikoi*): apenas seus amantes (*filopoietai*) — e que falem em prosa (*aneu metrou logon*) para nos persuadir (*autos eipein*) de que ela não é apenas prazerosa mas **prestável** (*ou monos hedeia alta kai hofelime*) para a cidade (*tas politeias*) e para a vida dos homens (*ton bios ton antropinon*). De muito bom grado os ouviremos (*kai eumenos acousometa*), // pois só teríamos a ganhar se provassem que além de deleitável ela é **proveitosa** (*kerdanoumen dar por ean me monon hedeia fane alta kai hofelime*).” (§607d-e, tradução¹⁶ de Nunes)¹⁷

Conclusão: fascinante e prazerosa a poesia já é, se alguém puder provar que ela também seja “**prestável** para a cidade e para a vida dos homens”, “de muito bom grado o ouviremos”.

Abaixo elencamos sumariamente os principais argumentos tanto dos que 1º acreditam que Platão expulsa a poesia; 2º acreditam que ele não expulsa, ou 3º a expulsa momentaneamente, para performar, ele próprio, e talvez tão somente ele, o retorno da poesia.¹⁸

hapax cômico, onde a citação obedeceria possivelmente ao seguinte ritmo aristofânico: -uuu-u-u- (2010, p. 134).

Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0167%3Abook%3D10%3Asection%3D607c>>.” Acesso em 29 de julho de 2018.

14 Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0167%3Abook%3D10%3Asection%3D607d>>. Acesso em 29 de julho de 2018.

15 **TLG:** *hofel-imon* (ὠφέλιμος, ov (*on*) raramente Ð, ÐÐ (*he, on*)) **Pl.R. 607d:**— prestativa, prestável, aproveitável, útil, servicial, benéfico, **E.Ion**138 (1yr.), πρὸς τὰς πολιτείας (*pros tas politeias*) **Pl.R.**607d; **Pl.R.**457d; τὸ ὑμῖν ὦ. (*to umin o*) **Pl.R.**461b. , Adv. ὠφελί-μως, **Pl.Grg.**470a.

16 Para o inglês (1969): “And we would allow her advocates who are not poets but lovers of poetry to plead her cause in prose without metre, and show that she is not only delightful but beneficial to orderly government and all the life of man. And we shall listen benevolently, for it will be clear gain for us if it can be shown that she bestows not only pleasure but benefit.”

17 Pequenas alterações nossas.

18 (PSEUDO-LONGIN, 1965); (MINER, 1996); (DOTTORI, 2011); e (GENETTE, 1988).

1. Há aqueles que, como Brandão (1996, 2007, 1999), consideram que a poesia está, de modo indelével, há três passos da verdade, e teve que, por este motivo, ser expulsa. Sob este ponto de vista, o ato da expulsão teria tornado possível o surgimento da crítica, seja literária seja filosófica. Também dentre estes que pensam que *não* tem como Platão *não* ter expulso a poesia no *Livro X* da *República*, recordamos Santoro (2012) para quem a antiguidade da querela deve ser colocada em primeiro plano¹⁹. Platão teria sido filho pródigo de uma tradição de crítica à poesia e sem dúvida teria experimentado a urgência de uma revanche às retaliações de que os filósofos vinham sendo alvo²⁰. Já CONSTANTINIDÈS (2013) faz-nos lembrar do argumento de Nietzsche, que defende que Platão teria expulso sim a poesia, e isto para ser melhor do que os demais poetas da Heláde²¹. À separação radical entre vida e arte seria para onde a metafísica teria sido destinada desde então²². Os três críticos argumentam que não tem como Platão *não* ter expulso a poesia, seja para estilizar, fazendo nascer a crítica, seja por questões políticas, ou mesmo para fazer nascer a política.

1.2 Há ainda, dentre os que apostam em haver uma verdadeira expulsão da poesia, os que consideram mais importante o caráter ético de que Sócrates se reveste para

19 Isto seria atestado sobretudo em função do uso que Sócrates faz da palavra *palais*. Cito: “παλαιὰ μὲν τις διαφορὰ φιλοσοφία τε καὶ ποιητική” (*palais men diafora filosofia te kai poietique*) (Pl., R. 607 b); esta « diferença entre a filosofia e a arte poética » não é uma simples diferença *eidetica* ou conceitual, mas uma verdadeira disputa, como se pode compreender pelos múltiplos sinais citados pelo filósofo: seis exemplos de injúrias recíprocas das quais nós não conhecemos as fontes.” Cf. nota 13.

20 Teria Platão, com a expulsão, tentado dar uma resposta à chacota de que a filosofia vinha sendo alvo desde o surgimento deste modo de ser, chegando mesmo a ser desmoralizada em obras como as *Nuvens*, de Aristófanes?

21 Cito: “É preciso considerar Platão: ele nega toda outra grandeza! Homero, os artistas plásticos, a prosa, Péricles – e, para suportar Sócrates, ele o transforma!” (Nachlass/FP 1883 8[15], KSA 9.386-7, *apud* CONSTANTINIDÈS, 2013, p. 122).

22 Ainda que só possamos refletir sobre esta disponibilidade-possibilidade, a se separar vida e arte, raramente, trata-se de uma questão urgente para o pensamento. Para o espírito, conseguir se apartar desta outra *poiesis* que incessantemente se-re-instala a partir da supremacia da técnica em detrimento da vida se torna uma impossibilidade quando demasiados na *poiesis* da *técnica* estamos. Contraditoriamente, ainda que jamais possamos sair desta condição de supremacia da técnica onde impera o esquecimento de uma *poiesis* originária, resta-nos a obra de Platão para nos fazer recordar, seja da possibilidade de expulsarmos esta outra *poiesis* (a da técnica), seja do que poderíamos ter sido e não fomos, em termos de habitar poeticamente o *cosmos*. Cf. Heidegger, obras completas.

expulsá-la: *aí*, o perigo²³ que teria representado a poesia²⁴ para o projeto platônico de virtude a qualquer preço estaria na impiedade ou na violência às quais a poesia poderia levar. Questões que advêm das assertivas acima: Quando vista como fatídica a expulsão da poesia teria chegado a favorecer o advento da ética? Isto, a seguinte questão talvez nos possa ajudar a pensar: os ‘vícios’ que podem impedir *Kallipolis* de ser seriam praticados poeticamente, ou no silêncio de sussurros?

2. Platão não expulsa a poesia, e não teria como fazê-lo, pois é antes de mais nada poeta²⁵

2.1 A principal argumentação desta linha de pensamento é a ênfase na inconsistência lógica de um poeta chegar a expulsar a poesia da cidade que projeta como a mais bela. Naddaf (2008), por exemplo, chega à conclusão de que a poesia é condição *sine qua non* de ambas as cidades antevistas por Platão em sua obra — tanto *Kallipolis* quanto *Magnésia*. Chega este comentador rápido à conclusão de que expulsar a poesia significaria, em última instância, ter que abandonar os projetos políticos expostos em cada uma das cidades em questão. Naddaf confere ênfase ao aspecto de que, nas *Leis*, o Ateniense teria chegado a legislar justamente *para* que possa haver festas e isto “todos os dias do ano” (*Leis* §828b). Sendo impossível que estas festas fossem realizadas sem música, pode-se verificar a inconsistência lógica de a poesia vir a ser expulsa *tout court* pelo filósofo²⁶.

23 (GAVRAY, 2007); (MIGLIORI, 2011) e (GERHARTZ, 2016).

24 Cito (Franco, 2006, p. 119/120): “O objetivo geral de toda essa censura é, ao fim e ao cabo, mostrar que a arte não é a expressão da realidade real. Ao contrário, ela produz uma falsa realidade; mente acerca dos deuses, dos heróis e dos homens, criando falsas situações que induzem falsas paixões que, por sua vez, acabam por impedir a aquisição das virtudes (...) Como um Orfeu, o artista sacrifica(ria) a realidade em nome de uma estética não subordinada à verdade, cujo objetivo é seduzir sua platéia (no caso particular de Orfeu, os deuses), e, a esse preço, ganhar sua admiração.”

25 (SMITH, 1986), (HAVELOCK, 1996), (VILLELA-PETIT, 2003) (COELHO, 2005), (SANTOS, 2014).

26 Também na *República* chega a ser instituído que a poesia seja tocada tanto nos casamentos quanto nos demais eventos cerimoniais (*Rep.* §459e). Eis o principal argumento de Naddaf: a impossibilidade de que estas festas fossem realizadas sem música, que é uma das formas como a poesia se realiza na Grécia.

2.2 Há a hermenêutica²⁷ que defende que a poesia não poderia ter sido expulsa, e isto em virtude de uma incoerência de caráter ontológico. Schulback (2010)²⁸, por exemplo, supõem que a arte poética nunca poderia ter saído da obra de Platão, mas seria sim a metafísica, ou antes, nós leitores que expulsamos a poesia, e isto a cada instante, precisamente por falta de cuidado com a leitura que tomamos como prioritária. Cito: Aí, a poesia, mesmo em Platão, surge como um portal rumo ao “real realizado” de modo que seria sobre um “mal-entendido” que a metafísica²⁹, e não Platão, teria expulsado a poesia. Em outras palavras, ao chegarmos a conseguir ler Platão como o real já realizado, conforme expressão de Schulback, poderemos circunscrever o filósofo ao mesmo ‘universo de ninfas e seres dionisiacos’, junto aos quais, quem sabe, teremos aprendido a superar a metafísica.

3.

3.1 Há os helenistas que defendem o caráter trágico da expulsão; esta, além de momentânea, seria “poética”, isto é, realizada como artifício teórico-performativo cuja função seria fazer-nos pensar. Ao alcançar as últimas etapas da mais alta da ascensão dialética, poderíamos chegar a compreender o caráter do §607 como eminentemente propedêutico. Torrano (1998) sai em defesa desta possibilidade: “o louvor da poesia (sua defesa) residiria no que a imagem sensível pode imitar da forma inteligível. O resgate da poesia e a passagem da condenação para o elogio ou o impasse da condenação residiriam na semelhança que une a imagem do plano sensível à forma inteligível.” Com estas palavras, Torrano nos coloca na esfera mesmo da defesa tanto da poesia quanto de sua expulsão. A imagem que viria a ser coerente este projeto platônico de crítica seria justamente a da *poiesis* como um amalgama magnetizável, uma espécie de ponte³⁰ que quando acoplada à política seria capaz de incitar ao sagrado.

27 (SCHLEIERMACHER, 1999); (VACCART, 2013).

28 Cito: “O mito (em Platão) é a ‘apresentação’ do real, a real apresentação do real. É realidade realizada.” (“Myth is the presentation of the real, the real presentation of the real. It is reality realized.” — SCHULBACK, 2010.)

29 Conceito que discutimos no livro *Naukratis*, que está para sair em 2019.

30 Tratar-se-ia de uma espécie de *agalma* de Dédalo (§529e, *Rep.*) magnetizável por ser capaz de nos conectar ao inefável. Uma interpretação possível é que Platão teria sido cativado por isto também, e que teria feito disto uma *poiesis* única e talvez tão invencível quanto Zeus. Além de capaz de nos elevar, do sensitivo ao inteligível, seria esta poesia capaz de alterar o tempo, e isto por nos conec-

Como o lugar do mais verdadeiro, esta modalidade de *poiesis* também seria capaz de evidenciar ser o sensível um espelho do inteligível.

3.2 Benoit (2017) chama a atenção para possibilidade de haver uma continuação na *lexis* platônica. Sob a sua perspectiva, entre uma obra e outra haveria uma conexão sinalizada pelo autor ao longo de sua obra. Assim, pela lógica, em seguida à *República*, onde está localizada a questão da expulsão, Platão teria que ter instado algo que talvez nos fizesse compreender o porquê desta expulsão. Ainda sob esta ótica, o que moveria a obra de Platão ‘em si’, em última instância, seria o efeito de purificação a que a *lexis* mesmo nos levaria.

3.3 Assim como os críticos citados acima, há outros que apostam na necessidade de termos atenção sobretudo ao aspecto mítico de que Platão se reveste quando pensa, isto é, aos mitos de sua obra³¹.

4. *O pano de fundo histórico* em que se desdobra a querela³² da expulsão da poesia, para muitos, deve ser considerado como tendo até mais importância do que a expulsão em si, pois independente de o filósofo ter expulso ou não a poesia, é preciso atentarmos para a perspectiva de

a. a poesia existir na Grécia sobretudo enquanto música e, logo, enquanto dança³³, carecendo de nós, para poder pesquisar com mais afinco a questão, primeiro e antes de tudo, dançar e/ou tomar vinho. Somente assim nos capacitaríamos para distinguir entre uma música-poesia clássica, depurada de seus aspectos mais viciosos, e outra mais báquica, de xepa euripidiana. Chegaríamos, assim talvez, à divina conclusão de que nem a *diegesis* nem *mimesis* poderiam chegar à verdade, pois apenas o improviso³⁴ seria capaz de fazê-lo?

tar à *physis*. Sob esta perspectiva, Platão nos elevaria, a partir desta poesia, e a partir dela, à divina experiência de realizar a totalidade a partir do amor.

31 (FRIEDLANDER, 1928) (SMITH, 1986) (Brandão, Junito, 1987), (GINZBURG, 1989), (BOUVIER, 1998), (GORDON, 2015) e (OLIVEIRA, 2016).

32 ALONI, 2016.

33 (DAVID, 2006), (TOSCA, 2011) (READY, 2018).

34 BOAL, 2003.

b. Platão herdar o que há de melhor da arte Cretense, e isto seria observável não apenas a partir das figuras oníricas³⁵, sobretudo marítimas, que habitam sua obra mas também pelo fato deste autor terminar a sua obra em Creta, o que atesta-o como disposto a dionisiacas danças (BENOIT, 2017, p. 437).

c. Platão apostar na realidade enquanto anterior à arte³⁶. Esta linha de pensamento sinaliza para uma herança pré-socrática³⁷ a partir da qual a arte poética não é mais aonde o homem habita mas uma espécie de falsificação deste lugar. Íon, rapsodo, sob esta ótica, senão um poeta que perde o controle³⁸.

d. o estatuto de realidade da obra platônica ser indissociável do âmbito do divino³⁹ que compartilharia com entidades como Orfeu, as Deusas, em especial Atenas e Afrodite, e a poesia de Safo⁴⁰.

e. ser preciso chamar-se atenção para o caráter dramático de sua obra como um todo⁴¹.

5. Há, por fim, aqueles que insistem na suposição de que Sócrates expulsa sim a poesia, e que ele o faz senão em nome de um ideal ascético.

Esta última linha de pesquisa é contra o projeto político-pedagógico de *Kallipolis*, e tudo aquilo com o que este projeto se coadunaria⁴². Apesar de nutirmos grande apreço por esta posição filosófica, e de chegarmos a concordar com ela, nos perguntamos

35 CSAPO, 2003.

36 (LLEDÓ IÑIGO, 1961) (AUERBACH, 1971), (KAUFMANN, 1979) (HUMPHREYS, 1990) (WOST, 2010).

37 (SANTORO, 2012).

38 (JARESKI, 2010) e ARAGÃO (2014). Oportuno é observar que discordamos desta posição na medida em que nem Sócrates nem Platão desvalorizariam um estado de inspiração divina, como a que nos conta *Ion* no diálogo homônimo.

39 (PSEUDO-LONGIN, 1965) (JAUS, 1977), (HUMPHREYS, 1990), GUTHRIE (1993), (OTTO, 2005) (BARATIERI, 2015) e (SANTORO, 2016).

40 Platão elogia Safo, poetisa frente a qual Sócrates desejava “não ficar por baixo” ou fazer feio; (*Fedro*, §235c) também Anacreonte, na mesma passagem, é alçado ao nível de poetas que causam inveja.

41 (KOYRE, 1945), (JAUS, 1977), (HUMPHREYS, 1990), (KOSMAN, 1992), (Johnson, 1998) e (Cornelli, 2013).

42 (JAUS, 1977), (KAUFMANN, 1979), (IRIGARAY, 1993, 2018), (FEITOSA, 2002 e 2004).

se, com o alcance de seu objetivo, poderíamos voltar a experimentar o caráter contraditório, tragi-cômico e pungente da obra do filósofo-poeta maior da língua grega.

HIPÓTESES

1. Ética. Elencar os argumentos daqueles que se ativeram à questão da expulsão da poesia em Platão permitiu-nos antever a possibilidade de uma poesia em *Kallipolis* como condicionada a uma depuração de tudo o que for passível de causar vício ou de ferir a ética.

2. Depuração. Assim, a expulsão da poesia teria se dado pela necessidade de uma depuração da arte poética, e isto tanto na *polis* quanto na chamada ‘odisseia Platônica’, expressão de Benoit (2017). Se esta hipótese estiver correta, isto é, se Platão quis ascender à referida depuração da poesia por receio desta gerar vícios — como, por exemplo, os que levaram Sócrates à morte — a antiga poesia deveria ser substituída por outra arte poética, que seja capaz de levar ao exercício pleno da virtude.

3. A hipótese da *léxis*. A partir da Odisseia platônica proposta por Benoit, chegamos à hipótese de que esta poesia mais depurada deveria vir em seguida à fatídica expulsão. Seguindo os passos da referida Odisseia, em outras palavras, chegamos à segunda hipótese de nossa pesquisa, qual seja: a de que depois da *República*, pela *léxis*, deveria estar o *Timeu*, obra em que há senão uma defesa da *poiesis* como capaz de gerir passado, futuro, e o Ser enquanto tal; e isto a partir dos poemas de Solon e da arte poética do Demiurgo⁴³.

4. Primeira conclusão: Em um movimento um tanto quanto carnavalesco, o filósofo teria expulsado a poesia sim mas para, em uma segunda instância, poder ele mesmo fazer-lhe a defesa. A partir do que Benoit nos convida a pensar como parte da Odisseia Platônica é à seguinte conclusão a que pudemos chegar: cada obra platônica seria senão uma espécie de carro alegórico cujo samba-enredo estaria garantido pela poesia grega que se ergue sobretudo cantada, seja em forma de hino, de ode, parte de rituais apofáticos, música em serviço de oração, ou simplesmente enquanto realização

43 Segundo Lopes “este seu carácter é, desde logo, confessado por Timeu no início da sua narrativa, pois a palavra que utiliza para o definir é, muito simplesmente, *poiêtês* (28c3). (...do Demiurgo) a sua actividade como algo semelhante à criação poética. Já foi dito que ela é mimética.” (p. 39 In: PLATÃO, 2011)

do Demiurgo. Aí, a obra de Platão seria, antes de mais nada, a de um poeta, predileto das Musas.

5. O desdobramento da hipótese no *Timeu*. Timeu é astrônomo, e, nesta medida, pôde atender plenamente ao primeiro critério de Sócrates, qual seja, de que os defensores da poesia não fossem poetas. Ademais, sua exposição-defesa da poesia de Sólon no *Timeu* se quer, a um só tempo, sagrada e verdadeira: além de se colocar como capaz de reunir-se ao divino, quer-se como depoimento de caráter histórico. Ao fazê-lo, atende aos dois primeiros critérios criados por Sócrates no §607c-d. Por fim, teremos que ver se a poesia aí disposta é útil ou prestável. A poesia a que Timeu dá voz (21b, *Timeu*) é prestável, senão completamente, ao menos no sentido específico de atender a um apelo ou à lacuna que se apresenta na obra platônica no que diz respeito à necessidade de que seja realizada uma defesa da poesia.

6. A hipótese de um questionamento sobre o caráter sensato do Bem. O *Timeu* daria a ver uma poesia capaz de atender ao maior dos critérios estéticos, a saber: ser do mesmo teor de grandeza do Bem. Além disto, esta poesia teria um poder extraordinário, a saber: causar uma espécie de suprassunção do Bem, suposto, mas nunca provado.

7. Uma reflexão conclusiva. Torna-se agora possível a seguinte reflexão: terá havido um questionamento de caráter ontológico, no interior do *corpus* platônico, a partir do qual o elogio do Bem teria dado lugar a algo mais passível de ser provado? Pensemos: o mito de Atlantis chegaria a fazer frente ao republicano Bem? No sentido propriamente estético vem a ser esta uma questão pertinente? Ou será um absurdo pensar no mito narrado pelo *Timeu-Crítiás* como capaz de nos incitar ao vislumbre de uma beleza ainda mais originária do que o que nos leva a vislumbrar o Bem?⁴⁴

44 Sob este ângulo, dar a ver a origem do tempo em consonância ao advento da realidade, trazer o *hypodochê* mas também um “deus sensível imagem do inteligível” (§92d, *eikôn tou noêtou theos aisthêtos*) para pensar esta mesma origem conteria um elemento diferencial com relação àquele exposto na *República*, a saber: um caráter erótico. Seria sobretudo na medida em que ambos, o *hypodochê* e o deus, enquanto causa real do mito narrado pelo poema de Solon seriam também causa real do advento da realidade como um todo que este caráter erótico teria se consumado. Em virtude disto, fomos levados a considerar o *Timeu* como uma obra em que Platão teria se superado.

8. Hypodochê poético e fruto da *physis*. Neste caso, o *hypodochê*⁴⁵ (que aparece no *Timeu* §49a6, e que é fruto não do inteligível mas de uma “amamentadora ou nutriz (*titenen*)”) viria a ser, senão um substituto do Bem, ao menos um equivalente deste em matéria de grandeza.

9. Poesia enquanto causa de virtude. Safo, Anacreonte (*Fedro*, §235c), Estesícoro, assim com as poesias de Homero, se devidamente depuradas de seu caráter vicioso ou mesmo machista seriam não menos bem-vindos na *polis* ideal. Para a questão da igualdade entre gêneros: *República*, §451, §454d-e. Seria enquanto capazes de compartilhar uma “homologia estrutural entre a noção mítica de *Theós* – que Torrano traduz por “Deus(es)”⁴⁶ — e a noção de *hypodochê*⁴⁷ — que estas poesias poderiam vir a ser admitidas na cidade mais bela — *Kallipolis*⁴⁸.

10. O mito de Dédalo como chave de leitura para o *Timeu*. O que há de propriamente poético no *Timeu*? Há a semelhança desta obra com o mito de Dédalo⁴⁹. Ao invés do mítico arquiteto cretense, teríamos na obra que dá voz à poesia de Sólon, um poeta — o Demiurgo — que, na condição de arquiteto-escultor do *cosmos*, se não constrói uma vaca para o touro de Poseidon⁵⁰, não deixa de instar o voluptuoso deus marítimo

45 Benoit (2017, p. 154) traduz *hypodochê* por útero ou abrigo: “é o útero ou abrigo (*hypodochê*) de toda gênese, tal como uma amamentadora ou nutriz (τιθηνην, *titenen*). TLG: *hypodochê* (ὑποδοχ-ή, ἡ) recepção. 2. diversão, hospitalidade, Pl.Lg.919a (pl.); 3. abrigando, ἀνδραπόδων τῶν ἀφισταμένων (*andrapodon ton afistamenon*) cf. Pl.Lg.955b. 4. significados para entretenimento; IV. recurso, acomodação para tropas, Pl.Lg.848e; ἡ τῆς μισγαγκείας ὕ. (*he tes misgankeias*) Pl.Phlb. 62d; 3. metáfora., πάσης γενέσεως ὕ. (*tases geneseus*) (Pl.Ti.49a, cf. 51a.)

46 (BENOIT, 2014).

47 BUTLER (2002, p. 77) critica fortemente esta leitura que acredita como fundamentalmente machista. A noção de *hypodochê* também se apresenta em *Filebo*, §62d; e *Leis*, §848e; § 919a; § 949e; § 950d e 955b.

48 Talvez seja para onde nos aponte o projeto de Stephanides (2015) de apresentação de mitos gregos onde o aparecimento de deuses é causado nem tanto pela emergência da virtude mas pela emergência de um cuidado divino originário.

49 Dédalo aparece em Platão no sentido ‘daquele que faz’ pelo menos dez vezes. Em quase todas, serve de analogia, ou como metáfora, ou ao saber, ou à falta de saber, que representa Sócrates ou as artes capazes de alcançar eternidade ou sabedoria.

50 Trata-se de uma vaca feita pelo mítico escultor a pedido da mulher de Mino, que, enfeitiçada por Afrodite, se apaixona pelo touro de Poseidon. A vaca é construída para que Pasífanea pudesse sofrer a cópula do touro.

na origem, experiente de delícias aquáticas e terrestres⁵¹, e sabido de seu débito para com a mortal que o levou às referidas delícias. Também no *Timeu*, a partir da poesia de Sólon e à semelhança do mito de Dédalo, haveria a descoberta de um labirinto, só que aquático, e não para o minotauro, mas para o próprio deus Possêidon. Também no *Timeu-Crítias* personagens, à semelhança de Ícaro, se deslumbram com o Sol, a exemplo de Faetonte (§22c), e talvez Hermócrates, que teria morrido por razões que teriam o impedido de completar a trilogia *Timeu-Crítias-Hermócrates* da *noética* platônica⁵². No *Timeu*, a *poiesis* do Demiurgo surge como criação nem de *Kallipolis*, nem *Magnésia* mas de uma espécie de *Arcádia* surgida junto a egípcias tauromaqueias. Isto é, por sua vez, o que nos faz cogitar a hipótese de um projeto de “retorno à Creta” cujo encaminhamento teria levado Platão, por exemplo, a situar as *Leis* na mesma ilha de origem de Zeus e do matriarcado Minóico.

11. A conclusão da *léxis*. No *Timeu*, por fim, seria não apenas pela coerência da *léxis* que se chegaria à necessidade de uma coerência ética, mas por consequência do desejo de ser-se divino ou de se ser causado pela possibilidade-disponibilidade de se experimentar o *hypodochê*.

CONCLUSÃO

A hipótese de ter sido Atlantis fundada no feminino. Por fim, fechamos nossa análise do §607c-d com duas questões: Será que, via *Timeu*, e a rapsódia de Solon não aprendemos a ser poeticamente no tempo da *physis* posto que alçados à investigação de uma poesia mais afinada com esta *physis* agora nomeada de *hypodochê* ou ainda de *Chora* — ambas entidades femininas e a partir das quais tudo mais tem o seu princípio? A verdade daquilo que é chamado de *poieton poiemata*⁵³, neste contexto, se mostraria no alcance de um plano mais afinado com o âmbito do feminino, ao menos na medida em que, no *Timeu*, o fundamento seja sobretudo *Chora*, uma entidade de

51 Cito: “Foi o próprio Poseidon que organizou o centro da ilha – facilmente, pois era um deus –, fazendo surgir de debaixo da terra duas nascentes de água – uma quente, outra fria – que corriam de uma fonte e fez brotar da terra alimentos variados e suficientes (*Crítias*, §113e).

52 (*apud.* BENOIT, 2017, p. 178).

53 Σόλωνος ποιητῶν ποιήματα, *Solonos poieton poiemata*; poemas de Solon que são a base da fala de *Timeu* no §21b.



caráter feminino. Esta experiência não seria a que teria levado Possêidon, senão à satisfação, ao menos à necessidade de fundar *Atlantis*?

Tentamos, aqui, por fim, levantar uma reflexão acerca do caráter propedêutico do retorno da poesia na *lexis* platônica: ao postar o *hypodochê* como o mais originário, posto na origem mesma do *cosmos*, não teria, por acaso, querido o filósofo trazer novamente como passo imprescindível à felicidade e à fundação da cidade mais bela uma entidade ou ainda um vir a ser de origem feminino?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONI, A. (2016-02-01). Writing Solon. In (Ed.), *Iambus and Elegy: New Approaches*. : Oxford University Press, <<http://www.oxfordscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780199689743.001.0001/acprof-9780199689743-chapter-9>> Acesso em 21 Jul. 2018.

ARAGÃO, Alice Ferreira. A INSPIRAÇÃO POÉTICA: O DIÁLOGO ENTRE SÓCRATES E ÍON. *Littera On Line*. Número 07 - 2014.

ARISTÓFANES. *As nuvens*. Tradução de Gama Kury. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ARISTÓTELES. *A poética*. trad. de Antonio Mattoso e Antônio Queirós Campos. RJ: Autêntica: 2018.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. 26a ed. Paris: Hachette, 2000.

BARATIERI, Pedro. “Platão contra Homero”? In: *Revista Peri*. v. 5, n. 2. Florianópolis. 2015. Retirado de: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/view/901>> Acesso em 8/4/2018.

BEEKES, Lucien van. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden, Boston: Brill, 2010.

BENOIT, Hector. *A Odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética*. São Paulo: Annablume, 2017.

BUTLER. *Cuerpos que Importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

TORRANO, Jaa. *O PENSAMENTO. MÍTICO NO HORIZONTE DE PLATÃO*. COLEÇÃO ARCHAI. SÃO PAULO: ANNABLUME CLASSICA. 2013.

BOAL, Augusto. *O Teatro como Arte Marcial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

BOUVIER, David e Claude Calame. *Philosophes et Historiens Anciens Face aux Mythes*. Lausanne: Etudes de Lettres, 1998.

BRANDÃO, Jacyntho. A teoria dos Gêneros Literários e o Estatuto da Narrativa Simples em Platão. Jan. 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/482140/A_teor%C3%ADa_dos_g%C3%AAneros_liter%C3%A1rios_eo_estatuto_da_narrativa_simples_em_Plat%C3%A3o> . Acesso em 20 de julho de 2018.

_____. Narrativa e mimese no romance grego: o narrador, o narrado e a narração num gênero pós-antigo. Belo Horizonte: UFMG, 1996 (tese).

_____. O Narrador no Romance Grego. *Ágora*. Estudos Clássicos em Debate 1 (1999) 31-56 1.

_____. O narrador-tirano: notas para uma poética da narrativa. *Gragoatá*. Niterói, n. 28, p. 11-26, 1. sem. 2010.

COELHO, Leandro Anésio. A poesia no Livro X da República de Platão. *Existência e Arte* - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei, Ano I, Número I. Janeiro a dezembro de 2005. s/p. (1.2)

CONSTANTINIDÈS, Yannis. Os legisladores do futuro. As afinidade dos projetos políticos de Platão e de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche* 32, 2013, p. 109-147. (2.1)

CORNELLI, Gabriele. Platão aprendiz do teatro: a construção dramática da filosofia política de Platão. *Revista Estudos Clássicos: Origens do pensamento ocidental*. Brasília, v. I, p. 123-136, 2013.

CSAPO, Eric. The dolphins of Dionysus. In: CSAPO, Eric e Margaret C. Miller. (org). *Poetry, Theory, Praxis*. The social Life of Myth, Word and Image in Ancient Greece. Oxbow Books, Park End Place, Oxford, 2003.

DAVID, A.P. *The Dance of the Muses: Choral Theory and Ancient Greek Poetics*. Oxford University Press, 2006.

DOTTORI, Ricardo. Hosion, eu dzen und dikaiousune in der Apologie des Sokrates und im Euthyphron. *PEITHO/ EX AMINA ANTIQUA* 1 (2). 2 011.

FEITOSA, Charles (2004), «Alteridade na Estética: Reflexões Sobre a Feiúra», Katz, Chaim S.; Kupermann, Daniel; Mosé, Viviane (orgs.), *Beleza, Feiúra e Psicanálise*, Rio de Janeiro: Contra Capa/ Formação Freudiana, pp. 29-38.

_____(2002), «A Questão da Feiúra», *Leituras Compartilhadas*, Fascículo 4, Rio de Janeiro: Leia Brasil, pp. 38-39.

FRANCO, Irley. *O Sopro do Amor: um comentário ao discurso de Fedro no Banquete de Platão* / Coleção Nós Gregos. Eles Modernos. Org. Irley Franco e Elsa Buadas. Rio de Janeiro: Palimpsesto, 2006.

FRIEDLANDER, P. Review: Platon I. Eidos. Paideia. Dialogos by Paul Friedländer. Shorey, P., 1928. *Classical Philology*, 23(3), 293-297. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/263725>>

GAVRAY, Marc-Antoine. Monique DIXSAUT (Dir.), *Études sur la République de Platon*. 1. De la justice. psychologie et politique. 2. De la science, du bien et des mythes. . In: *L'antiquité classique*, Tome 76, 2007. pp. 393-395; https://www.persee.fr/doc/antiqu_0770-2817_2007_num_76_1_2635_t2_0393_0000_2> Acesso em 20 de julho de 2018.

GENETTE, Gérard. Géneros, “tipos”, modos. In: GARRIDO GALLARDO, Miguel A. *Teoría de los géneros literarios*. Madrid: Arco, 1988. p. 183-234.

GERHARTZ, Ingo Werner. *Tragische Schuld Philosophische Perspektiven zur Schuldfrage in der griechischen Tragödie*. Verlag Herder GmbH, Freiburg / München 2016 (Alber-Reihe Thesen Band 66).

GORDON, Jill. *O mundo erótico de Platão: das origens cósmicas à morte humana*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2015.

GUTHRIE, w. k. c. *Orpheus and Greek Religion. A Study of the Orphic Movement*. Princeton, Princeton University Press, 1993.

IRIGARAY, Luce. *An Ethics of Sexual Difference. Against Mimesis*. Trans. Carolyn Burke and Gillian C. Gill. Ithaca: Cornell UP, 1993.

_____. The Hidden Host: Irigaray and Diotima at Plato's Symposium. *Hypatia. A journal of Feminist Philosophy*. 1988. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1527-2001.1988.tb00188.x>> Acesso em 21 de julho de 2018.

JARESKI, Krishnamurti. A INSPIRAÇÃO POÉTICA NO ÍON DE PLATÃO. *Kínesis*, Vol. II, nº 03, Abril-2010, p. 284 – 305.

JAUS, Hans Robert. *Aesthetische Erfahrung und literarische Hermeneutik*. München: W. Fink, 1977.

JOHNSON, William. Dramatic Frame and Philosophic Idea in Plato. *The American Journal of Philology*, Vol. 119, No. 4 (Winter, 1998), pp. 577-598. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1561918>> Acesso em 21/10/2011.

KAUFMANN, Walter. *Tragedy and Philosophy*. Princeton Univ. Press. New Jersey. 1979.

KOSMAN, L. A. *Silence and Imitation in the Platonic Dialogues*. Oxford Studies in Ancient Philosophy, suppl. vol.: Methods of Interpreting Plato and His Dialogues, p. 73-92, 1992.

KOYRE, Alexandre. *Discovering Plato*. New York: Columbia University Press, 1945.

LLEDÓ IÑIGO, E. *El concepto “poíesis” en la filosofía griega*. Madrid: CSIC, 1961.

HAVELOCK, Eric. *Prefácio a Platão*. Tradução de Enid Abreu Dobránsky. Campinas/SP: Papyrus, 1996.

HUMPHREYS, Sally C. Filosofia e religião na Grécia: dinâmica de ruptura e diálogo. *Classica*, v. 3, 1990, p. 13-44.

MIGLIORI, Maurizio. A unidade da República como exemplo de escrita platônica: Livro X. In: XAVIER, Dennys Garcia e CORNELLI, Gabrielli (Org.) *A República de Platão: outros olhares*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 13-28.

MINER, Earl. *Poética comparada: um ensaio intercultural sobre teorias da literatura*. Brasília: UnB, 1996.

NADDAF, Gerard. THE ROLE OF THE POET IN PLATO'S IDEAL CITIES OF CALLIPOLIS AND MAGNESIA. *Kriterion* vol.4 no.se. Belo Horizonte 2008.

NAGY, Gregory. *Plato's Rhapsody and Homer's Music. The Poetics of the Panathenaic Festival in Classical Athens*. 2002. Center for Hellenic Studies; Hellenic Studies Series; Livro vendido na página eletrônica: <<http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674009639&content=toc>>. Acesso em 25/11/2018.

OLIVEIRA, Lethicia Ouro. O mundo como estátua dos deuses eternos sobre o termo ágalma no passo 37c do Timeu de Platão. *AnaLógos*, Rio de Janeiro, v. 1, 2016, p. 80-89.

OTTO, Walter. *Os deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego*. Tradução e prefácio Ordep Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

PLATÃO. *A República*. In: BURNET, John (ed.) *Platonis Opera*. Tradução do grego: Projeto Perseus, 1903. [607c-d] Oxford University Press. 1903. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0167>> Acesso em: 05/07/2017.

_____. *A República*. Tradução de J. Guinsburg. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2016a.

_____. *A República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 4 ed. (rev. e bilíngue). Belém/PA: Edufpa, 2016b.

_____. *Timeu-Crítias*: texto estabelecido e anotado por John Burnet; tradução, apresentação e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

PSEUDO-LONGIN. *Du Sublime*. Texte ét. et trad. par Henri Lebègue. Paris: Belles Lettres, 1965.

READY, Jonathan; Tsagalis, Christos. *Homer in performance: rhapsodes, narrators, and characters*. Austin: University of Texas Press, 2018.

SANTORO, Fernando. « Les rapports entre vérité factuelle et écriture fictionnelle et historique chez Lucien », *Interférences* [En ligne], 6 | 2012, mis en ligne le 11 décembre 2014, Acesso em 20 julho 2018. URL : <<http://interferences.revues.org/174>> ; DOI : 10.4000/interferences.174.

_____. Orphic Aristophanes at Plato's Symposium. In: Cornelli, Gabriele. *Plato's Styles and Characters : Between Literature and Philosophy*. Pontífice UNIVERSIDADE CATOLICA DO RIO DE JANEIRO - PUC RJ. 2016.

SANTOS, Ademir Souza dos. Platão, poeta de uma nova tragédia. In: *Anais do Seminário dos Estudantes de pós-graduação em filosofia da UFSCar*. 2014. 10 ed. Disponível em:

<<http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/2-Ademir-Souza-dos-Santos.pdf>>, Acesso em: 12/06/2017. p. 3-14.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica. A arte e da Técnica da Interpretação*. Trad. Celso Beni Braida. Petrópolis / RJ: Vozes, 1999.

SCHULBACK, Marcia. Ulysses at the Mast. In.: *The Gift and the Logos: Essays in Continental Philosophy*, 2010. Cambridge Publishing. Retirado de: <<http://www.cambridgescholars.com/download/sample/60866>>. Acesso em 11/05/2018. p. 11-27.

SMITH, Janet. “Plato’s Use of Myth in the Education of Philosophic Man”, *Phoenix* 40 (1986) 20-34.

SNELL, Bruno. *Die Entdeckung des Geistes*. Göttingen: Vandenberg & Ruprecht, 1975. Trad. Portuguesa: *A descoberta do espírito*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1992.

SOBRINHO, Rubens. Deus sem Ser e Ser divino. *Educação e Filosofia*, v. 30, n. Especial, p. 151-167, 2016. ISSN 0102-6801. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30nEspeciala2016-p151a167>

SOUZA, Jovelina. AS ORIGENS DA NOÇÃO DE POÍESIS. *Hypnos*. ano 13 / nº 19 – 2º sem. 2007 – São Paulo / p. 85-9.

STEPHANIDES, Menelaos. *Teseu, Perseu e outros mitos*. Trad. Janaína R.M. Potzmann. São Paulo: Odysseus, 2015.

STEIN, Gertrude. A rose is an rose is an rose. In: *Sacred Emily* (1913) collected in: *Geography and Play* (Boston: Four Seas Co., 1922), pp. 178-188. Selected Writings of Gertrude Stein, Vintage Books, 1990.

TAVARES, Renata e Everton Grein (org.) *O sagrado, a arte e a filosofia*. v. 2. São Paulo. Ed. LiberArs, 2013.

THESAURUS LINGUAE GRAECAE (TLG) *Biblioteca Digital*. Disponível em :<<http://stephanus.tlg.uci.edu>> Acesso em 21 de julho de 2018.

TORRANO, Jaa. Mito e Verdade em Hesíodo e Platão. 1998. *Letras Clássicas USP*. Retirado de: <<https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73726>> Acesso em 11/05/2018.

_____. *O Pensamento Mítico no Horizonte de Platão*. São Paulo: Annablume Clássica, 2013.

TOSCA, Linch. Tender as cordas da alma. Aspectos técnico-musicais e reflexos psicológicos na República de Platão. In: XAVIER, Dennys Garcia e CORNELLI, Gabrielli (Org.) *A República de Platão: outros olhares*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 239-252.

VACCART, Ulisses. O NASCIMENTO DA FILOSOFIA NO ESPÍRITO. DA POESIA: HÖLDERLIN LEITOR DE PLATÃO. *HYPNOS*, São Paulo, número 31, 2º semestre 2013, p. 267-284.

VILLELA-PETIT, Maria da Penha. Platão e a poesia na República. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 44, n. 107. p. 51-71, June 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So100-512X2003000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07/06/2017. p. 51-71.

WOST, Glen. QUE ANTIGA QUERELA ENTRE POESIA E FILOSOFIA? *Organon*, Porto Alegre, nº 49, julho-dezembro, 2010, p.129 – 153.